

Centelhas de insurgência no empreendedorismo popular evangélico¹

Sparks of insurgency in the evangelical popular entrepreneurship

Henrique Bosso da Costa²

Resumo

Baseado em etnografia conduzida na zona sul de São Paulo, exploro neste artigo minha imersão nos cultos de prosperidade da Igreja Universal do Reino de Deus e analiso à luz da literatura a relação entre pentecostalismo e empreendedorismo popular. Abordo também a narrativa de uma de suas fiéis e interlocutora da pesquisa; Aparecida é empregada doméstica, mora na periferia da cidade e trabalhava em um condomínio de classe média-alta. Nos cultos da IURD, ela consegue um escape para suas desilusões e alimenta o desejo de ter um negócio próprio de confeitaria, mas não encontra resposta para os conflitos familiares. O texto propõe que esses dois fenômenos contemporâneos fundamentam a formação de uma coletividade imaginada de *outsiders*, em que a humilhação pela subordinação remete à batalha contra o diabo e o sucesso, na forma de êxito empreendedor, é atribuído à graça de Deus.

Palavras-chave: periferias urbanas; empreendedorismo; pentecostalismo; comunidade; mobilidade social.

Abstract

Based on an ethnography conducted in the south zone of São Paulo, in this article, I explore my immersion in the prosperity cults of the Universal Church of the Kingdom of God and analyze the relationship between Pentecostalism and popular entrepreneurship in the light of current literature. I also address the narrative of one of its members and interlocutor of the research; Aparecida is a maid who lives on the city's outskirts and worked in an upper-middle class gated community. In UCKG's cults, she manages to escape her disappointments and

¹ Este artigo expande o argumento contido na tese de doutorado *Um lugar ao sol: utopia e sofrimento no empreendedorismo popular paulistano*, defendida em abril de 2022 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unicamp, de onde uma parte substancial deste texto foi extraída (COSTA, 2022).

² Doutor em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo, Brasil. Pesquisador no International Postdoctoral Program do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), com pós-doutorado no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: hen.costa@gmail.com

feeds the desire to have her own confectionery business but does not find an answer to family conflicts. The text proposes that these two contemporary phenomena underlie the formation of an imagined collective of outsiders, in which humiliation through subordination refers to the battle against the devil and success, in the form of entrepreneurial outcome, is attributed to the grace of God.

Keywords: urban peripheries; entrepreneurship; Pentecostalism; community; social mobility.

Introdução

Dois fenômenos brasileiros contemporâneos que se destacam nas últimas décadas, tanto para o senso comum quanto para a produção acadêmica, são a difusão do discurso do empreendedorismo e o crescimento exponencial do pentecostalismo, especialmente nas periferias urbanas. Reforçados pelos recorrentes contextos econômicos de crise, ou ainda pela “inclusão pelo consumo” dos anos lulistas (Pinheiro-Machado, Scalco, 2022; Singer, 2012), tanto um como outro dialogam com a precariedade nas relações de trabalho no Brasil e com o sofrimento e exaustão das classes populares, e não por acaso têm afinidades de sentido que extrapolam o cotidiano de seus adeptos. Por exemplo, empreendedorismo popular e pentecostalismo aparecem reunidos na postura liberal da bancada evangélica no Congresso Nacional (Almeida, 2017) e na ascensão de uma categoria de “batalhadores” no auge dos governos de Lula (Souza, 2010). Entretanto, ambos prosperam primeiramente no plano simbólico da cultura popular.³

Na linguagem corrente, o termo “empreendedorismo” tem sido usado para classificar diferentes atividades econômicas ou uma atitude diante de um desafio, porém sua definição para entender fenômenos contemporâneos de “autogerenciamento” é fugidia. A difusão do termo acabou por desidratar a

³ Hall (1981, p. 238, tradução minha) afirmava que não existem “culturas” totalmente separadas e ligadas paradigmaticamente, em uma relação histórica fixa, a classes específicas, de modo que o termo cultura popular “mais precisamente, refere-se a essa aliança de classes e forças que constituem as ‘classes populares’. A cultura dos oprimidos, das classes excluídas: é a esta área que nos remete o termo ‘popular’”.

definição clássica de Joseph Schumpeter, combinando-a com a de pequena burguesia. Assim, a mera iniciativa de abrir um negócio mesmo que convencional passou a ser vista como uma atitude empreendedora a partir da ideia de autonomia (Lima, 2010). Na literatura mais recente, a caracterização predominante do empreendedorismo se concentra prioritariamente nos seus aspectos ideológicos ou discursivos, que resultariam, grosso modo, em uma razão neoliberal ou manipulação ideológica (Brown, 2019; Gago, 2015; Leite, Lindoso, 2021; Amorim; Moda; Mevis, 2021). Em comum, tais análises veem essas atividades como uma anomalia da norma salarial.

De minha parte, argumento que a assimilação popular do empreendedorismo se faz de maneira particular e ambígua: enquanto o discurso é modernizante e busca por meio da racionalização destradicionalizar relações de trabalho e processos produtivos (Beck, 2011; Costa, 2024), na cultura popular ele satura-se de uma experiência de *vida sem salário*, um modo de vida preenchido sobretudo pelo “passado atual” de necessidade de sobrevivência, fuga da miséria e precariedade do mercado de trabalho (Candido, 2017; Franco, 1997; Kowarick, 2019), e de precariedade das relações de trabalho no Brasil.⁴ Desse modo, o empreendedorismo popular floresce no âmago da contradição entre os costumes do trabalhador por conta própria e o apelo da modernização da qual, na exigência contínua do mercado, depende a efetivação de sua autonomia.⁵

O *neopentecostalismo*, ou terceira onda do pentecostalismo (Freston, 1993), é também um fenômeno essencialmente popular, fruto da intuição do bispo Edir Macedo ao unir uma teologia evangélica norte-americana fortemente liberal a um projeto pastoral popular, adaptado às condições de um país periférico (Mafra et al., 2012). Especialmente durante os anos 1990, a expansão da Igreja Universal do

⁴ Para Koselleck (2006, p. 311), este seria “um todo em que muitos estratos de tempos anteriores estão simultaneamente presentes, sem que haja referência a um antes e um depois”.

⁵ E. P. Thompson (1998, p. 23) analisou na cultura plebeia do século XVIII a maneira como os costumes eram mobilizados na tentativa de frear o avanço da racionalização, que afinal vinha da camada superior da sociedade como imposições produtivas. Ali o historiador percebeu um paradoxo, o de uma cultura que era tradicional e *rebelde*, ao mesmo tempo.

Reino de Deus e semelhantes⁶ acontece quando “os símbolos que ela articula para formular a mensagem cosmológica que prega encontram ressonância no sistema simbólico que passa a dar sentido à experiência social brasileira de modo geral” (Lima, 2007, p. 148). Em outras palavras, a IURD apreendeu a *estrutura de sentimentos* contemporânea,⁷ isto é, sua mensagem de compensação pelo sofrimento ainda neste mundo ganha legitimidade para os mais pobres diante do contexto de exaltação do sucesso individual nos meios seculares.⁸ O empreendedorismo é validado não apenas ideologicamente, mas se traduz em uma rede de acolhimento e compartilhamento de práticas econômicas entre pequenos e microempresários (Gutierrez, 2017).

Entre 2017 e 2021, procurei pela etnografia caracterizar modos de vida, buscando uma descrição densa de representações e opiniões; portanto, temas como família, trabalho e política aparecem aqui não como generalizações, mas a partir daquelas realidades que se reproduzem na periferia da zona sul de São Paulo. Parte do relato etnográfico dessa experiência é o que exponho neste artigo, uma contribuição para a compreensão das motivações e das raízes do sucesso crescente dessa denominação religiosa. Argumento que sua orientação profundamente popular, reunida a um discurso engajado contra formas de sujeição pelo trabalho, em especial o trabalho assalariado, é parte fundamental desse êxito, discurso que por sua vez ajuda a sustentar o empreendedorismo popular.

Minha primeira entrada no universo pentecostal foi através de Aparecida, fiel da Igreja Universal do Reino de Deus e frequentadora dos seus cultos da prosperidade, reuniões semanais que acontecem às segundas-feiras com intuito

⁶ Mariano (1996) menciona, além da IURD, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Renascer em Cristo, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, entre outras.

⁷ Segundo Williams (1977), estruturas de sentimento são a consciência *prática* de um momento, formas emergentes ou pré-emergentes cujas experiências constituem uma prática geracional que difere da experiência social, caracterizada especialmente pelas formas dominantes e residuais.

⁸ Por sinal, o modo como a IURD incentiva a modernização dos costumes se faz contra um adversário conveniente, o catolicismo popular e seu apego idílico ao cândido e desafetado mundo rural, oferecendo às camadas populares “uma composição ousada de empreendedorismo, revolta e inquietude” (Mafra et al., 2012, 88).

de aconselhamento espiritual para aqueles que buscam ter um negócio próprio. Através das orientações de minha nova interlocutora, passei ao trabalho de campo nos chamados *Congressos para o Sucesso*,⁹ experiência fundamental para a caracterização de seus frequentadores. Aparecida ainda me emprestou um de seus livros de cabeceira, um exemplar de *50 tons para o sucesso*, do bispo J. Edington, cuja leitura me ajudou a entender o significado da proposta doutrinária da igreja e como ela se insere em um plano maior (e secular) de exaltação do sucesso pelo discurso terapêutico e pela literatura de autoajuda (Illouz, 2007; Boltanski, Chiapello, 2009). Por conta dos cultos, também tive acesso à *Folha Universal*, jornal da denominação com tiragem de 1,6 milhão de exemplares.

Como se nota em toda a comunicação visual da Universal, “Pare de sofrer” é o slogan que informa seu propósito manifesto, e foi este sentimento que levou Aparecida à conversão, há quase vinte anos. Essa senhora de 58 anos trabalha na maior parte do tempo como diarista, mas não desiste de retomar seu projeto de vender trufas de chocolate caseiras, negócio que já lhe deu alegrias e angústias e que se mistura com a atribulada vida familiar. Do trabalho na roça no estado de Pernambuco para a circulação entre a residência abarrotada e condomínios de classe média-alta onde presta serviço, Aparecida foi sendo moldada pela sufocante rotina doméstica em que todos dependem dela. Tudo isso fez de Aparecida uma pessoa amargurada, mas que viu a fé evangélica lhe mostrar uma saída para o sofrimento, como no slogan que cativa ela e outros interlocutores desta pesquisa – e, a rigor, milhares de outros iurdianos.¹⁰ O autogerenciamento proposto pela Universal lhe ajudou a pacificar o espírito, mas não eliminou inteiramente o tom desafiador que permeia alguns momentos da sua fala, a maneira que ela encontrou para lidar com um mundo que faz de tudo para mantê-la acuada.

⁹ Lima (2007) acompanhou esses mesmos cultos realizados às segundas-feiras na IURD, que à época se chamavam simplesmente “Reunião dos empresários”.

¹⁰ Segundo o Censo de 2010, a Universal possuía cerca de 1,8 milhão de fiéis em todo o país.

No estudo de Norbert Elias e John Scotson (2000) em uma comunidade do subúrbio de Leicester, os autores mapearam a relação entre estabelecidos – os bairros mais antigos e coesos – e *outsiders* – o bairro mais recente e isolado, cuja coesão era ínfima sobretudo pelas diferentes origens de seus moradores. Contudo, quando há alguma redução da desigualdade entre os dois grupos, abrem-se possibilidades de integração interna e autoafirmação perante a realidade exterior para os *outsiders*. Nota-se nos relatos etnográficos que esses *outsiders* parecem encontrar no empreendedorismo popular elementos de reconhecimento, situação que se repete nas observações feitas nos cultos de segunda-feira. Assim, inspirado no trabalho de Raquel Sant’ana (2017), exploro a possibilidade de que esses *outsiders* possam vir a compor uma *coletividade imaginada*, em que elementos de rebeldia e insubmissão costuram a identidade de empreendedores populares evangélicos em um projeto insurgente de longo alcance.

Neste artigo, apresento parte da etnografia que conduzi nos Congressos para o Sucesso e exploro minha interlocução com Aparecida. Ao final do texto, iluminado pela etnografia nos cultos e ilustrado pelo relato dessa interlocutora qualificada, proponho uma interpretação sobre a relação entre empreendedorismo popular e pentecostalismo, sugerindo que o primeiro termo vem fortalecendo elementos de coesão e reconhecimento do segundo, visto como *outsider* e marginalizado no universo cultural brasileiro estabelecido.

1 Etnografia da prosperidade

“Boa noite, vencedores!”,¹¹ foi a primeira frase ouvida no autofalante do imenso salão de paredes beges decorados com vitrais coloridos, uma inquietante luminária em formato de cruz e a mensagem em grandes proporções posta sobre o altar que se iluminava em azul e dourado acima de todos, “Jesus Cristo é o Senhor”. Vista da Avenida João Dias, a imponente escadaria impressiona tanto

¹¹ O uso de aspas é usado neste artigo para remeter a palavras de autores, interlocutores e testemunhos no trabalho de campo.

quanto a fachada adornada com paineiras imperiais, fazendo com que dois garotos de mochilas nas costas chegassem a subi-la para espiar o interior do edifício, “só pra ver como é que é” (disse um para o outro reticente). O entorno lúgubre da noite em Santo Amaro não era capaz de obscurecer o segundo maior templo da Igreja Universal do Reino de Deus em São Paulo, com seus 30 mil metros quadrados, capacidade para seis mil pessoas sentadas e “seu esforço de construir ‘catedrais’ que reúnem amplitude espacial e certa pretensão arquitetônica” (Giumbelli, 2013, p. 33, tradução minha). Cerca de ¼ do espaço se encontrava ocupado naquela segunda-feira de novembro de 2021, quando estive no templo para uma observação participante. Era dia de Congresso para o Sucesso no Templo da Fé.

A saudação deu início à palestra do pastor Marcelo, responsável pelo culto das segundas-feiras e que também acontece em outras denominações do mundo pentecostal. Mesmo que receba diferentes nomes (culto da prosperidade, culto para empresários etc.), no primeiro dia útil da semana acontece o evento destinado ao aconselhamento financeiro dos fiéis. O propósito dessas sessões é oferecer a eles palavras de autoajuda e exemplos de superação, em que o sucesso financeiro é atribuído à devoção a Jesus, que se realiza através da contribuição para a igreja (o dízimo). Segundo Carlos Gutierrez (2017, p. 230), há “dois grandes objetivos dessa palestra: a motivação/transformação da forma de pensar e a planificação da vida/disciplinarização”.

No caso da Universal, isso se combina com sua principal característica, identificada por Ronaldo de Almeida (2009), a de serem “igrejas de passagem”, isto é, construídas em lugares de intensa atividade comercial ou próximas a terminais de ônibus, metrô e trem, implicando em uma sociabilidade quase totalmente desprovida de intimidade. Na impessoalidade que reina nos seus cultos, todos, com exceção do pastor (afinal com suas redes sociais em dia; seu Instagram contava com mais de 20 mil seguidores naquele mês) são ilustres desconhecidos, o que ajuda na estratégia adotada: nem sempre muito convincentes, os testemunhos ali proferidos dificilmente serão examinados por

algum conhecido próximo.

No contexto da Universal, fundada em 1977 no Rio de Janeiro por Edir Macedo e principal denominação da vertente *neopentecostal*, os Congressos para o Sucesso guardam uma especificidade quanto aos cultos mais tradicionais da semana, com suas performances de expulsão de espíritos malignos. Apesar da saúde financeira ser um aspecto essencial para a matriz discursiva da igreja e da Teologia da Prosperidade como um todo, e das inúmeras menções ao diabo que aparecem ali – expurgá-lo é condição para a prosperidade –, esta é uma sessão mais “sóbria”, e o público passa longe da “multidão pobre e alienada” das sessões de descarrego que costumam povoar descrições depreciativas na mídia e na academia. Como observou Jacqueline Moraes Teixeira (2012), muitos desses lugares-comuns, aliás, são o oposto de uma bem articulada “pedagogia da prosperidade” em que o dinheiro não é o único mediador-ritual da prosperidade, que funciona junto de outras instâncias da vida, em especial a família.

No culto, um roteiro é determinado, em que preces são intercaladas com histórias de vida (casos de sucesso), participação do público e donativos. Em certo momento, o pastor fez uma nova exortação que não entendi de imediato; quando percebi, a massa ao meu redor erguia celulares, carteiras, bolsas e mochilas para serem abençoadas. É inegável a habilidade do pastor Marcelo em conduzir o culto, alternando momentos de entrega à oração, geralmente de costas para o auditório, em que aumenta o tom de voz até que ela se torne incompreensível, com situações de relaxamento da exaltação, concedendo a palavra aos fiéis e interagindo com eles. As encenações do pastor, já notaram outras observadoras (Mafra, 1999; Mafra et al., 2012), são essenciais na tradução de questões abstratas da teologia cristã. Não deixava, contudo, de parecer exótico, sobretudo quando os três telões posicionados para o público o focavam diante de um fundo que neles ficava avermelhado, lembrando fogo.

Não há dúvida, como argumenta Almeida (2009), de que mesmo nesse caso se posiciona a dicotomia básica entre pessoas “libertas” e “não-libertas”, mas a ênfase recai sobre as primeiras, aquelas que superaram as dívidas e os

credores e, dedicadas à religião, viram seus negócios alcançarem a graça. O que mais chamava a atenção no numeroso público presente ao culto das 20 horas, o quinto do dia, era a diversidade dentro da uniformidade, semelhante à de um *shopping center*: uma notável porção de classe média e média-baixa de muitos casais em aparente comunhão, muitos acompanhados dos filhos, mas também pessoas sozinhas.¹² Como na observação de Antônio Flávio Pierucci (1988, s/p) feita ainda nos anos 1980 sobre o perfil de classe média-baixa e que parece ainda válida aqui, trata-se, naquele espaço, “de setores intermediários em mais de um sentido: (1) são estratos intermediários entre a base e o topo da sociedade, (2) que vivem em bairros intermediários entre o centro e a periferia, (3) exercendo muitas vezes suas atividades econômicas nos setores de intermediação (pequeno comércio e serviços)”, e que fatores socioeconômicos e culturais-geográficos “empurram para baixo e para trás” sua posição social.¹³

Pretos, pardos e brancos em proporção comparável, jovens na faixa dos vinte anos e idosos beirando os setenta, e uma dupla de homens de meia idade algumas fileiras a minha frente, que trocava afagos discretos. Pessoas tatuadas, homens de brinco e cabelo comprido, mulheres de saia para cima do joelho e óculos chamativos, camisas de times de futebol e de bandas de rock, e chapéus de cangaceiro. Quatro mulheres, provavelmente saídas direto do trabalho, atravessaram o corredor principal uniformizadas, e, estampada em branco nas suas camisetas pretas, a escrita “Sensualiza Moda Íntima” indicava onde trabalhavam. Todos com suas bíblias e seus saquitéis ao mesmo tempo erguidos acima da cabeça quando solicitados pelo pastor.¹⁴ Tal diversidade, longe de ser exótica, constitui para Sant’ana (2017, p. 25) uma “coletividade imaginada”, em

¹² Fundamental para o princípio de planejamento familiar da Universal, esse aspecto é ressaltado na Terapia do Amor, aos sábados, e na Terapia da Família, aos domingos (Teixeira, 2012).

¹³ Pierucci (1988) tinha como referência as bases eleitorais de Jânio Quadros na eleição para a prefeitura de 1985 e de Paulo Maluf para governador, em 1986.

¹⁴ Entre as denominações pentecostais, a Universal é tida como a mais liberal; além de pregar a Teologia da Prosperidade, segundo a qual Deus reserva sucesso financeiro, saúde e realizações para os verdadeiros cristãos em vida, flexibiliza alguns costumes severamente observados pelos fiéis pentecostais, como em relação ao uso de roupas da moda, cosméticos etc. (Mariano, 2004).

que são possíveis “laços de identificação mais fluidos, capazes de dar vazão a heterogeneidades”.

Alguns se exaltavam, mas a maioria mantinha uma devoção moderada. Eu mesmo receava ser facilmente notado, quando fez sentido o que uma interlocutora me havia contado, que preferia frequentar aquele templo gigantesco justamente para não ser incomodada por conhecidos. Não fui abordado em nenhum momento, por mais que desconfiasse dos obreiros que circulavam em torno – no começo ignorantemente achei que eram seguranças. De fato, a Universal tem como uma de suas características não recusar participantes esporádicos, o que amplia a economia sacrificial para uma audiência ainda maior (Mafra et al., 2012).

Mas, apesar da impessoalidade, as pessoas estão ali para orar, e sua participação é fundamental na criação de uma atmosfera de otimismo no compartilhamento das experiências. No Congresso para o Sucesso há três categorias possíveis de mapear: o chamamento aos casais, seguidos por outros recortes considerados secundários (pessoas sozinhas, separadas por sexo), que atravessam o altar em uma fila que se estende por muitos minutos; aqueles que são instados a contar rapidamente o tamanho da dívida que saldaram; e casais convidados previamente a exporem suas histórias de sucesso e que têm bastante tempo para contá-las. A fila dos ex-endividados é onde há espaço para alguma espontaneidade. As contas pagas sempre chegam nas dezenas de milhares, mas há momentos em que alguma quebra de expectativas existe, como um senhor que respondeu em tom desafiador “paguei 180 paus”, arrancando gargalhadas um pouco forçadas do pastor, e de um jovem que alegou ter quitado uma dívida de 18 milhões de reais, o que gerou alguns segundos de incredulidade geral.

Já os casais de sucesso seguem um roteiro mais padronizado, sobem ao altar vestidos à caráter, de cabelos e barbas alinhados, sorrisos inabaláveis no rosto e histórias de superação muito parecidas: o homem que estava entregue à bebida e às drogas, ficou muito mal e descobriu a igreja; a mulher que se casara com o homem “errado”, se separou, “caiu na balada” e, na igreja, solucionou sua

vida sentimental. Reproduzem-se nesses casos, como observou Patrícia Birman (2019, p. 113), narrativas religiosas para testemunhos de sofrimento, “em que se destaca a vida vivida no sofrimento, em uma existência sem amparo, reduzida a uma sociabilidade mínima, posto que teria perdido, também, as formas mais naturalizadas de habitar o próprio corpo”, e por fim sua superação empreendedora.

Soa curioso quando o sujeito afirma que tudo deu certo quando “lacramos com Deus”. Mas a conversão não é o suficiente para resolver também a vida financeira, e neste caso é preciso o sacrifício, que no início pode ser, por exemplo, todo o salário de um mês. “No vernáculo da igreja, o iurdiano deve buscar insistentemente ‘a fé ativa’, ou seja, deve propor objetivos de mudança de sua vida, pedir para Deus a mudança, e sacrificar-se” (Mafra; Swatowski; Sampaio, 2012, p. 85). O recado implícito é que é tudo para Deus, e Ele devolverá em dobro: enquanto falam, os telões reproduzem as fotos das benesses recebidas pelo casal – a fachada da empresa bem-sucedida, a casa com piscina e carros novos na garagem. Em um dos depoimentos que acompanhei, o marido conta com certo acanhamento calculado que seu primeiro dízimo foi 50 centavos (contados em várias moedas); na sequência retira um envelope do bolso do blazer cor de areia e pergunta para o pastor se não seria inadequado revelar o valor do cheque que constava nele. Ele não diz, mas enche o peito ao dar uma dica: aquele sacrifício vinha na casa dos “seis dígitos”.

É curioso que mensagens de prudência se combinem com manifestações de ostentação, mas a insistência do pastor na *intenção* ao ganhar dinheiro tenta justificar uma pela outra, ou seja, para uma vida confortável é preciso *racionalidade*, sobretudo se expurgando do endividamento, pois aquele que nada deve tem o direito de gastar para seu proveito e, obviamente, tem mais recursos para o dízimo, enquanto um sujeito endividado, além de tudo, não é um bom divulgador da religião. Logo na entrada, obreiros distribuía panfletos para uma sessão especial do Congresso para o Sucesso, o “Clamor pelos endividados”, convite reiterado mais de uma vez pelo pastor Marcelo. É a deixa para que ele

introduza as regras básicas para o empreendedor evangélico, o que se apreende do capítulo 4, versículo 3 da Epístola de Tiago, “Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites”.

Em uma das fotos que são mostradas durante o depoimento, da afetada sala da empresa de soluções tecnológicas do fiel, destaca-se uma frase pintada na parede logo atrás da sua mesa, “Eu sou o número 2, porque Deus vem primeiro”. Implicitamente, o recado que fica é o de que, no plano terreno, *você* vem primeiro. Não há dúvida ali naquele espaço quanto ao que se considera “sucesso”, e um trabalho assalariado certamente não faz parte dele.¹⁵ Se há alguém entre você e Deus, a culpa é provavelmente sua, como fica claro quando o pastor desestimula o trabalhador a cobrar seus direitos na Justiça, porque “você não fez sua parte, não ajudou a empresa a crescer”. Fazendo a ponte do seu raciocínio, a certa altura ele exorta o fiel, sublimado na figura totalizante do imaginário crente, a se lembrar de “quando você não tinha nada, pé no barro, andava de ônibus”, pois se o sujeito vive uma situação confortável no momento, ele não deve se apegar e se acomodar com o que tem, deve continuar buscando o sucesso, porém dedicando-o a Deus.¹⁶ E então surge a imagem do transporte público como símbolo de humilhação e fracasso, esta afinal uma típica experiência da classe trabalhadora.

Na sua última intervenção, o pastor Marcelo pediu um cartão de crédito para o público. Com o objeto magnético de um fiel em mãos, explicou que “como eu costumo dizer, a vida é como um cartão de crédito”. Alguém na plateia antecipou sua resposta, e ele riu, “se não usar bem, vem a fatura”, completando enfim com a benção das *maquininhas* que os obreiros levam o tempo todo consigo.

¹⁵ Evidentemente, em uma reunião para “empresários”, a oposição ao trabalho assalariado na forma de condenação da subordinação é enfatizada, mesmo que matizada no contexto geral da igreja.

¹⁶ Situações semelhantes aparecem no contexto das comunidades terapêuticas, que apesar de não serem necessariamente pentecostais, entendem seus “residentes” unicamente como pessoas “dispostas a se recuperar”, anulando marcadores como classe, raça e gênero. De uma residente, Taniele Rui (2010) ouviu que não precisaria ocultar seu nome verdadeiro, já que ali, “as nossas histórias são todas iguais”. Também ali a vinculação entre a adição a figura do “fundo do poço” é frequente.

Por fim, “você quer ser igual, ou quer ser diferente?”, ressoava nos autofalantes, enquanto os telões se iluminavam com os símbolos matemáticos de “igual” e “diferente”. O pastor, como um palestrante de autoajuda, apontava para o segundo e repetia a exortação para o êxito do empreendedor evangélico.

2 “Quem me entende, pessoal?”

Alguns dias depois da minha primeira visita ao Templo da Fé, voltei ao Congresso para o Sucesso para acompanhar uma seção vespertina, ministrada pelo mesmo pastor Marcelo, porém frequentada por um público notavelmente diferente, além de em muito menor número. Justificável, afinal era o culto da prosperidade das 15h. Já na entrada, topei em uma tenda branca posicionada entre o portão e a calçada, onde alguns obreiros se postavam e abordavam os pedestres; recebi um exemplar da *Folha Universal* e entrei, analisando a matéria de capa sobre como uma jovem havia superado as tentativas de suicídio, obviamente pela fé e pelo aconselhamento da igreja.

Com o auditório mais vazio, pude me posicionar mais perto do púlpito dourado de onde o pastor modulava seu discurso em relação à palestra de algumas noites atrás, não por acaso. Diante de uma membresia visivelmente mais pobre, mais preta e mais velha do que a que comparece às 20h, há um esforço para que o público não se perca no roteiro do culto, notável nas incontáveis oportunidades em que o pastor Marcelo repete a frase “quem me entende, pessoal?” e variações acompanhadas de pedidos para que aqueles que estavam entendendo levantassem as mãos. Tal ritual pareceria um mero tique se não fosse pela minha visita anterior ao culto noturno. Também foi possível observar nesta ocasião o *cameraman* que o seguia pelo palco, filmando-o quase sempre de baixo para cima.

A mensagem sobre fazer a diferença estava presente, mas com menos ênfase. O tema do suicídio voltaria a aparecer para mim na história de um policial militar que tirara a própria vida, retomada pelo pastor em vários momentos. O tom mais sombrio vinha com um sentido de alerta. Diferentemente do culto da

noite, também não houve a fila do ex-endividados e apenas um depoente fez sua entrada no altar. O sujeito desacompanhado renunciou a compromissos na sua empresa em Bauru para estar no culto, onde apresentou uma história muito parecida com as que vi na primeira visita: o jovem de estilo de vida confortável, mas desregrado que, perdido na “noitada”, nas amantes e na cocaína ficou muito mal, que no caso dele culminou com a perda da visão de um olho depois de um acidente de carro.

“Vinte anos enganado pelo diabo”, refletiu. Agora transformado, redescobriu o encanto pela esposa e se tornou um empresário bem-sucedido e fiel, que numa conversa com Deus decidiu não comprar o jet-ski que cobiçava para, em vez disso, adquirir um carro maior “para levar mais almas para a igreja”. Havia um detalhe a mais no seu relato, contudo, seu filho que parecia seguir a mesma trajetória errática do passado do pai. “Mesmo tendo o espírito santo dentro dele, ele está vivendo uma guerra pelo filho!”, concluiu o pastor. A mensagem era clara: estamos todos vivendo várias guerras e não se pode esmorecer, pois o diabo está à espreita e se aproveita de qualquer pequeno vacilo.

Na teologia da batalha espiritual, a figura do diabo é responsável por quaisquer infortúnios, em âmbito público ou privado, não havendo separação entre males espirituais ou materiais. De acordo com Cecília Mariz (1997), na atuação do diabo estaria a explicação para doenças e infelicidades individuais até a corrupção e a miséria que acometem a sociedade como um todo. Como não há essa separação, a esfera do mercado se dilui no mesmo princípio. Quando o homem deixou o palco, o pastor contou que já o conhecia de quando pregava no interior de São Paulo e que acompanhou sua trajetória. “Ele não foi um ótimo obreiro porque tinha muito dinheiro, mas porque era *servo*”, elogiou, ganhando o consentimento do público.

É provável que muitos desempregados se encontrassem no culto daquele horário. Algumas cadeiras a minha direita, um casal muito jovem orava, o rapaz de franja descolorida ainda mais compenetrado. Ciente do público relativamente mais pobre, o pastor Marcelo se mostrava modesto no pedido de doações, e

poucos foram os que subiram ao altar para depositar sua contribuição (não confundir com o dízimo). “Doe o seu melhor”, repetia, e quase ao final pediu doações de panetones para o trabalho social da igreja com moradores de rua no Natal.

3 Aparecida e sua família

“Você tá entendendo?!”, Aparecida perguntou seguidas vezes antes que eu pudesse ligar o gravador para a entrevista, repetindo razões muito mais práticas que espirituais para frequentar a Universal. Queria enfim ter certeza de que eu estava realmente interessado e não queria zombar de suas explicações. Além de ecoar o chavão do pastor, a frase vinha carregada de ansiedade, transmitindo a nítida sensação de que já tentou fazer interlocutores como eu não a verem com preconceito. Compreensível, já que na casa em que trabalha pouco consegue se entender com o patrão, professor de universidade pública. Para ela, não se trata apenas de fazer com que o interlocutor aceite sua religiosidade, mas de fazê-lo entender as razões pelas quais escolheu a igreja. Aparecida não é uma fanática e não gosta que a vejam assim, mas não é simples entender sua lógica, nem tanto por causa das renúncias que faz na vida pessoal em benefício do cumprimento com o dízimo, mas justamente porque um dos pilares da Teologia da Prosperidade é para ela uma âncora pesada, sua família.

A nossa primeira conversa teve já de cara um componente visual inusitado, que primeiro gerou risos, mas que serviu para Aparecida retomar severamente sua caracterização da Universal: ela vestia uma camiseta surrada (já que vinha do trabalho) de uma igreja concorrente, a Bola de Neve. Achei curioso e perguntei a respeito, recebendo de volta uma reação primeiro graciosa e depois contida de que “na Universal não é assim, não”, isto é, que a sua igreja recebe a todos “sem preconceito” e não impõe regras específicas de vestimenta, como acontece em outras denominações pentecostais. “Até o bispo Macedo falou que toma uma cerveja. O que faz mal é o exagero”, adverte. De fato, ela confirma o que a literatura especializada observa sobre a flexibilização dos costumes entre

os iurdianos, como vimos anteriormente. Para Aparecida, a Universal é como uma *faculdade*, “porque fala de tudo, assim, da vida da gente, desde espiritual, financeira, a vida após a morte, tudo”. Ela chegou a frequentar outras igrejas, mas só na Universal recebeu retribuição, que no caso chegou a lhe custar uma ceia de Natal no sacrifício da Fogueira Santa.

Fogueira Santa é assim, um valor que você dá, é um valor... assim, algo sobrenatural que você dá, né? Mas as pessoas acham que é dinheiro. Quando você dá, você tá mostrando pra Deus que você não tá apegado no dinheiro porque dinheiro você morre e fica tudo aí. Hoje em dia as pessoas são apegadas no dinheiro, não é? É no dinheiro, então, quando você dá, você tá dando pra obra de Deus crescer, que nem a Igreja Universal, cresce demais. O trabalho [da igreja] é muito nessa pandemia, a cesta básica pra tudo que é... eles ajudam muito as pessoas, é que ninguém vê, então, é igreja pra tudo que é lado. O pessoal fala que é pro bispo Macedo o dinheiro. Eu vou te dar um exemplo, assim, Deus, ele não deixa faltar, no final do ano passado eu peguei o meu dinheiro e eu participei da Fogueira Santa, só que assim, eu tava com o nome sujo, eu tava com o nome super sujo, não tinha crédito pra nada, quando queria comprar uma coisa comprava no cartão da minha filha e eu queria comprar um guarda-roupa porque a gente tinha mudado, na casa lá que a gente morava apodreceu tudo e eu queria comprar um guarda-roupa, como que eu ia comprar uma guarda-roupa? Eu não tinha cartão pra comprar esse guarda-roupa a prazo, né? [...] Aí no final do ano eu peguei o valor e participei da Fogueira Santa, dei tudo.

(Aparecida, 58 anos, Interlagos, diarista)

Aparecida nasceu em Jurema, município com cerca de 20 mil habitantes no Agreste pernambucano, em uma família de treze irmãos, e migrou sozinha para São Paulo com 23 anos. Mas apesar de fazê-lo para fugir da miséria, seu primeiro sentimento na capital paulista foi de arrependimento. Na primeira casa em que trabalhou, em Moema, ela tinha que cuidar de três crianças e sua adaptação foi sofrida, principalmente aos hábitos alimentares da classe média local, “estrogonofe, essas coisas”. Aparecida conta que chorava muito e emagreceu “até ficar um palito”, pois praticamente não comia. Começou a se acostumar, mas ainda tinha muito medo da metrópole e de sair à noite, único horário que tinha para estudar. Foi adiando e só concluiu o ensino médio em

2015. “Nego pensa que é fácil, mas não é não”, diz.

Com exceção de um período fazendo faxina em uma gráfica, trabalhou como doméstica por quase toda a vida adulta. Recentemente, ela foi demitida da casa do professor, onde teve a carteira assinada nos últimos sete anos, mas fez um acordo e continua fazendo faxina lá como diarista, três vezes por semana. A longa relação com os patrões faz com que Aparecida veja a própria história em retrospectiva, analisando sobretudo as diferentes escolhas que fizeram. “Eu queria mudar, mas só que quando eu cheguei aqui, eu acho que fiquei um pouco parada, não fui muito atrás, assim, de fazer uma faculdade”. Hoje, reflete que teria feito tudo diferente.

Poucos anos depois de chegar a São Paulo, Aparecida se casou. Seu objetivo de estudar foi cada vez mais se tornando uma lembrança remota conforme a sequência de eventos familiares frustrava seus planos. Na pequena casa em que mora em Interlagos, dividem o espaço ela, o marido, as duas filhas (de 26 e 28 anos) e quatro netos, de quem ela cuida quando não está trabalhando. A filha mais velha engravidou muito cedo, seu ex-marido tinha problemas com drogas e batia nela com frequência; há algum tempo ela conseguiu um emprego de manicure em uma conhecida rede de salões de beleza, “mas só que não tá bem no espiritual”. Aparecida tentou levá-la para a igreja quando as coisas estavam piores – antes da atual ocupação, a moça passou por seguidas dificuldades –, ela aceitou por algum tempo, quando começou a trabalhar na lanchonete do pai de uma amiga.

“Menino, quando o diabo manda, ele manda, né?”: a moça começou a namorar o irmão da amiga, que estava preso por homicídio (Aparecida abaixa a voz e faz sinal de arma com a mão) e lhe deu mais um filho durante uma visita íntima. O garoto de quatro anos gera particular irritação em Aparecida. “O menino é chato, é chorão, nossa, tá até doente [...], não come direito”. Sobre a filha, ela também deixa escapar sua inconformidade, ampliada pelo fato dela ter abandonado a igreja. Conta que ela está com pressão alta, “só vive nervosa, não tem paciência com os meninos”, não ajuda em casa e ganhou peso. Para

Aparecida, isso é fruto de inveja pelo bom momento profissional dela. “Quer dizer, eu não posso fazer nada, é uma vergonha, né? Mas o que que eu posso fazer? Ela tava seguindo, ela saiu [da igreja], ela foi fazer a vida dela”.

São sentimentos que Aparecida tenta abafar, assim como a insatisfação com todo o arranjo da casa, justificada pela autonomia da filha que, afinal, “caiu na tentação” e *escolheu* um caminho errado. Apesar de elencar uma série de retribuições mágicas à sua participação na Fogueira Santa, como o desaparecimento de dívidas e do nome sujo, a principal contribuição da conversão à sua vida foi pacificar as relações dentro de casa, isto é, mantê-las em um patamar suficientemente administrável no limite da erupção, em benefício da unidade familiar, essencial para o discurso da Universal, assim como a “reflexividade autônoma” na tomada de decisões (Gutierrez, 2017).

Foi na vida pós-conversão que ela idealizou o que poderia ter sido sua saída da pobreza, o negócio de trufas caseiras. Sem a almejada formação universitária – afinal, em São Paulo “se você não tiver um estudo, uma faculdade, você não consegue coisa boa aqui. Não consegue vencer porque como você vai vencer ganhando salarinho, trabalhando em casa de família?” –, Aparecida vislumbrou no micro empreendedorismo uma vida completamente diferente, estimulada também pela segunda filha, que também tem talento para os doces e para quem “teu sucesso tá nas trufas, mas tu quer ficar trabalhando pros outros”. Ela conta com orgulho da qualidade das suas trufas, muito apreciadas inclusive pelas famílias ricas para quem trabalhava. O marido também teve uma chance de prosperar cozinhando para fora – ele tinha experiência de cozinha por ter trabalhado em uma lanchonete –, mas, nas palavras de Aparecida, recebeu a orientação de Deus e também não soube aproveitar o momento. “A gente hoje era pra ser empresário, não era pra ser pobre. Mas sabe, não põe em prática...”. Sua avaliação é a mesma com relação às dívidas que se acumularam. Por fim, acabou usando todo o dinheiro que recebeu na demissão para pagá-las.

Sua melhor fase, ela conta, foi quando fez evangelização em favelas, “pois quando você faz uma coisa pra Deus, você sente paz”, mas novamente seu

marido, com ciúmes, a fez deixar a atividade. Esse receio aparece a todo momento em sua fala e condiciona sua própria fé, pois “a inveja é algo espiritual” e pode se transformar em “feitiçaria” e “macumba”. Com medo das fofocas, ela deixou as igrejas menores e mais próximas de sua casa para frequentar o templo da João Dias, onde se sente incógnita. Aparecida acredita que, pela obediência a Deus, é possível se livrar das maldições, e no caso da prosperidade que não veio, o Congresso para o Sucesso a ajudou a transformar a revolta que tinha contra a família em um raciocínio empreendedor que redireciona esse sentimento para o mundo do trabalho. De fato, esse é o passo revolucionário do neopentecostalismo, como observaram Mafra et al. (2012),¹⁷ que por sinal retroalimenta o próprio discurso da Universal de perseguição e reação às injustiças cometidas contra a igreja e seu líder Edir Macedo, ademais evidente no depoimento de Aparecida:

Nem todo mundo é filho, mas somos todos criaturas de Deus, né? E todo mundo tem um talento e lá você descobre qual é o seu talento, entendeu? Às vezes você fica trabalhando pros outros e não é isso que Deus quer. A primeira coisa que o pastor falou pra mim, “Deus não quer que a senhora seja uma empregada, Deus quer que a senhora seja uma empresária, Deus quer que a senhora seja cabeça e não cauda”. Eu me lembro até hoje que Jesus falou, e ele pegou e fez uma oração na minha carteira de trabalho, aí foi quebrada essa maldição [de não conseguir renda].

[...]

Quando foi outro tempo aí que eu tava fazendo [trufas], aí tem oração pra você crescer, tem oração pra tudo, e aí em uma oração dessa eu fechei o olho assim – você tem que fechar o olho, Deus é espírito, senão você não se concentra – aí eu falei: meu Deus, será que é isso mesmo, as trufas? Se eu fizer eu vou vencer? E sabe o que que eu vi? Eu vi assim, é como se fosse real, eu vi, sabe aquelas empresas que tem aqueles containers, aqueles negócios de madeira que sai empurrando? Eu vi aquelas coisas bem grandes assim com leite moça, aquelas caixinhas de leite [condensado] assim, era muita coisa, era algo grande, quer dizer, se eu tivesse colocado em prática... isso faz pouco tempo que eu

¹⁷ As autoras analisam a própria trajetória de Edir Macedo como o resultado de eventos traumáticos, os quais geraram nele uma revolta contra o que via como injustiça. Com esse fundamento de inconformidade ele desenvolveu seu projeto pastoral (Mafra et al., 2012; Mafra, 1999).

tive isso, que eu pedi “Será que é isso mesmo? Que eu vou vencer fazendo isso?”. *Trabalhando pros outros você não consegue vencer não, né?* E Deus me mostrou isso, aí as meninas ficam falando pra mim em casa que se eu colocasse em prática realmente o que Deus mostra, eu era outra pessoa, você viu que eu podia ser algo...

(Aparecida, 58 anos, Interlagos, diarista)

Quando encontrei Aparecida para uma nova conversa, ela cumpriu sua promessa de me trazer um livro que responderia aspectos da teologia que ela julgava não ter conseguido me esclarecer. O objeto de capa preta com letras douradas seguia o mesmo padrão dos livros de autoajuda que se vê em abundância nas livrarias, e tinha o sugestivo título de *50 tons para o sucesso: conselhos para uma vida próspera*. Seu autor, o bispo Jadson Edington, empreendedor palestrante e “especialista em prosperidade”, foi justamente o idealizador do Congresso para o Sucesso. Folheando o livro, notei várias citações atribuídas a Edir Macedo e ao Antigo Testamento, assim como o prefácio assinado pelo bispo Clodomir Santos, apresentador do programa televisivo *Fala que eu te escuto*, da Record. Em um dos “50 tons” que compõem o livro, Edington faz referência ao “poder da revolta consciente”, em que estimula o inconformismo diante das injustiças. “A revolta não é uma causa primária, ela é uma consequência. Ela nasce da visão que a pessoa tem da grandeza de Deus. Você sabe que Ele é muito grande, então, entende que não pode se conformar com nada que não seja compatível com Ele” (Edington, 2015, p. 87). Portanto, *não faz sentido*, diz o bispo, aceitar uma vida de subordinação.

“Como posso ser passivo diante de uma vida humilhante?”, pergunta Edington no livro, expandindo a noção de humilhação. Sintomaticamente, a principal função que Aparecida vê no trabalho assalariado é a de mantê-la subordinada, atrofiando o verdadeiro talento individual e acorrentando o trabalhador pobre nesta condição.¹⁸

¹⁸ Como observa Lima (2007, p. 147), “em oposição não somente ao desemprego, mas também ao emprego, ali unanimemente avaliado como algo que ‘já chega’, pois é fonte de ‘vidinha, de miséria, de humilhação’ e de ‘viver apertado em transporte’.

Esse é um aspecto salientado na Universal, que o remete às lições do Velho Testamento (Côrtes, 2017). Aparecida se vê diminuída em seu potencial e atacada pela inveja alheia, que corrói qualquer confiança naqueles que a rodeiam e, incoerentemente, a paralisa numa situação de mera gestão de sobrevivência, pois também não pode renunciar à família que ao mesmo tempo a faz sofrer e é sua única fortaleza. O discurso evangélico da prosperidade estimula sua revolta, mas ela não sabe bem contra quem deve se rebelar, pois o conflito de classes fica fora de seu universo simbólico, rejeitado pela igreja. Assim, ela faz certo esforço para poupar seus patrões, que não se sacrificaram na Fogueira Santa, mas vivem com conforto mesmo assim. Para Aparecida, eles se prepararam, investiram no “estudo”, revelando por fim que certa forma de submissão presente na cultura popular, aquele entre quem tem “conhecimento” e quem não tem, continua presente como forma de manutenção das estruturas da sociedade de classes.

Os sentimentos expressos por Aparecida, suas razões para a adesão à Igreja Universal do Reino de Deus e a modesta ambição empreendedora que se articulam em seu relato exprimem o narcisismo descrito por Christopher Lasch, para quem arranjos sociais sobrevivem no indivíduo mesmo depois de terem se tornado objetivamente indesejáveis. A ética da autopreservação e da sobrevivência psíquica está enraizada, diz, “não apenas em condições objetivas de guerra econômica, taxas crescentes de crime e caos social, mas na experiência subjetiva de vazio e isolamento” (Lasch, 1991, p. 51)¹⁹ refletindo a convicção de que a inveja e a exploração dominam até mesmo as relações mais íntimas, como uma projeção de ansiedades internas e uma percepção de realidade inabalável.

Há no seu relato, contudo, uma pequena malícia que ela concede a si mesma, e que no fundo desvela não só uma realidade social, mas também um projeto disseminado em doses homeopáticas pela teologia que ela segue, o de uma lenta e inevitável penetração pelos poros da sociedade. Comentando novamente sobre a casa em que trabalha, Aparecida observa que todas as

¹⁹ “not merely in objective conditions of economic warfare, rising rates of crime and social chaos, but in the subjective experience of emptiness and isolation”.

faxineiras e babás que passaram por lá eram evangélicas. “Às vezes a patroa não gosta [de falar de religião]. Eles são incrédulos. Mas só vem gente da igreja pra cá, né? Pior que é mesmo”.

4 Contraestigmatização e insurgência

Uma das premissas de que parto nesta análise é a de que, além de se valer de discursos e técnicas de autoajuda, o pentecostalismo praticado pela Universal se alinha a uma estrutura de sentimentos contemporânea que não se contenta com o autogerenciamento na pobreza, mas o estimula pela compensação do sofrimento. Tanto nos testemunhos que se expressam nos cultos quanto em publicações como *50 tons para o sucesso*, a IURD se apropria da ideia de sucesso, banalizada nos meios seculares, mas nada consensual no mundo cristão – católico ou protestante.

Atribuindo o sucesso à graça alcançada, naturalmente ele será traduzido nos termos do conflito atemporal entre Deus e o diabo tão arraigado na teologia do domínio. De modo que, sendo o sucesso vinculado ao negócio próprio e a subordinação apenas a Deus, uma vida de submissão não raro será associada a atribulações familiares e, portanto, interpretada como a atuação do próprio diabo na vida pessoal e profissional desses indivíduos. Mesmo que dito de maneira branda a depender do contexto, receber ordens, se locomover por transporte público e ter outros hábitos típicos da classe trabalhadora facilmente remetem a isso. Assim, se rebelar contra a submissão é também tomar parte na batalha contra a influência demoníaca, pois Deus se manifesta para aqueles que se comprometem com o êxito familiar e profissional.

Tais premissas vêm, obviamente, de cima na forma de disputa no espaço público e ocupação da política contaminada (Machado, 2003), mas também aparece entre os “de baixo”, como no caso de Aparecida. Ela se vê acuada por um mundo opressivo, que se manifesta nas frequentes contendas familiares, no medo da cidade grande e pela assimetria entre sua formação, que considera precária, e a de seus patrões, que lhe colocam constrangimentos típicos do

mundo secularizado que afinal compõe sua própria forma de distinção (Bourdieu, 2007). Na percepção do mundo como um lugar perigoso, lastreada por uma consciência realista da insegurança da vida social contemporânea, a projeção narcísica se volta contra o exterior, incorporando uma incapacidade absoluta de se sentir parte de algo maior, como a sociedade ou a história (Lasch, 1991). Associada às incertezas do mundo do trabalho contemporâneo, a atomização fez de *outsiders* como Aparecida uma categoria sujeitada, cujo desejo de autorreconhecimento se atrofiara (Elias, Scotson, 2000).

Por outro lado, Elias apontava para um desejo de “contraestigmatização” do grupo *outsider* na medida em que se reduziam as desigualdades com o grupo estabelecido, sua coesão se fortalecia e a distância do poder a que se viam submetidos diminuía. Tal pode ter sido o efeito da relativa redução da desigualdade e das políticas públicas adotadas sobretudo durante os anos lulistas que, se trouxeram melhorias materiais na vida dos mais pobres (Singer, 2012), não deixaram de incentivar tanto o empreendedorismo como o pentecostalismo (Costa, 2018; Souza, 2010).

A inserção do pentecostalismo no mundo público, assim como a heterogeneidade que se apresenta nos Congressos para o Sucesso, podem até sugerir que se tratam de “muita mistura” mas, acompanhando Carly Machado (2013) sobre os projetos de “pacificação” no Rio de Janeiro, sustento que se tratam de uma bem articulada convergência: naquele caso, de projetos de redenção; aqui, de expressões de insurgência na forma de centelhas aparentemente desconexas em luta contra diferentes formas de manifestação do demônio e movimento de contraestigmatização alavancado pelo topo da igreja e repercutido pela base. Nesses âmbitos individuais e profissionais, dão força à formação de uma coletividade imaginada, como observou Sant’ana (2017) nas Marchas para Jesus, e que vai além de denominações específicas – como, aliás, aparece na camiseta de Aparecida a ostentar uma igreja concorrente.

Considerações finais

Neste artigo, apresentei parte da etnografia que conduzi em cultos da Igreja Universal do Reino de Deus para, em diálogo com a literatura sociológica e antropológica da religião, discutir aspectos e intersecções entre o pentecostalismo e o empreendedorismo popular, fenômeno que pesquiso desde 2017 na zona sul de São Paulo. Destaquei no texto a experiência vivida por Aparecida, empregada doméstica, fiel da Universal e frequentadora do Congresso para o Sucesso, reunião realizada às segundas-feiras para empreendedores em diferentes estágios de negócios. Neles, uma insurgência contra a sujeição é desvelada nos testemunhos e exaltada na palestra do pastor, associando o empreendedorismo ao sucesso e, por suposto, à graça de Deus.

Como a centelha que resta de uma fogueira santa, tal insurgência encontra seus limites para um radical ajuste de contas com a sociedade dos “estabelecidos”: os próprios obstáculos para um empreendimento de sucesso, que não se encontra facilmente às mãos do empreendedor popular, carente de capitais econômicos, culturais e sociais. Por sinal, ao final do Congresso para o Sucesso, que durou cerca de uma hora e meia, o templo apagava suas luzes, deixando o entorno no breu, enquanto a parada de ônibus na avenida João Dias se enchia de crentes com um propósito no coração.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.
- ALMEIDA, Ronaldo. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BECK, Ulrich. *Sociedade de risco*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- BIRMAN, Patrícia. Narrativas seculares e religiosas sobre a violência: as fronteiras do humano no governo dos pobres. *Sociologia & Antropologia*, v. 9, n. 1, 2019.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo; Porto Alegre, Edusp; Zouk, 2007.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo*. São Paulo: Politeia, 2019.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul; São Paulo: Edusp, 2017.

CÔRTEZ, Mariana. O mercado pentecostal de pregações e testemunhos: formas de gestão do sofrimento. *Religião e Sociedade*, v. 34, n. 2, 2014.

COSTA, Henrique. *Entre o lulismo e o ceticismo: um estudo com bolsistas do Prouni de São Paulo*. São Paulo: Alameda, 2018.

COSTA, Henrique. Empreendedorismo popular e a economia moral da vida sem salário. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 87, 2024.

COSTA, Henrique. *Um lugar ao sol: utopia e sofrimento no empreendedorismo popular paulistano*. Tese de doutorado. PPGCS/Unicamp, 2022.

EDINGTON, Jadson. *50 tons para o sucesso: conselhos para uma vida próspera*. Rio de Janeiro: Unipro, 2015.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FRANCO, Maria S. C. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

FRESTON, Paul. *Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro Editora, 1993.

GAGO, Veronica. *La razón neoliberal: economías barrocas y pragmática popular*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

GIUMBELLI, Emerson. Cultura pública: evangélicos y su presencia en la sociedad brasileña. *Sociedad y religión*, n. 40, v. 23, 2013.

GUTIERREZ, Carlos. *Reflexividade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do reino de Deus*. Tese de Doutorado. PPGAS/Unicamp, 2017.

HALL, Stuart. Notes on deconstructing “the popular”. In: Samuel, Raphael (org.). *People’s history and socialist theory*. New York: Routledge, 1981.

ILLOUZ, Eva. *Intimidades congeladas: las emociones en el capitalismo*. Buenos Aires: Katz, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LASCH, Christopher. *The culture of narcissism*. New York: WW Norton, 1991.

LEITE, Marcia; LINDÔSO, Raquel. Empreendedorismo, neoliberalismo e pandemia. O desmascaramento de uma ideologia. *Contemporânea*, v. 11, n. 3, 2021.

LIMA, Diana. “Trabalho”, “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Religião e Sociedade*, vol. 27, n. 1, 2007.

LIMA, Jacob. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? *Sociologias*, ano 12, n. 25, 2010.

MACHADO, Carly. “É muita mistura”: projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro. *Religião e Sociedade*, vol. 33, n. 2, 2013.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Existe um estilo evangélico de fazer política?. In: Birman, Patrícia (org.). *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar Editorial, 2003.

- MAFRA, Clara. *Na posse da palavra: religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais*. Tese de doutorado. PPGAS/UFRJ, 1999.
- MAFRA, Clara; SWATOWISKI, Claudia; SAMPAIO, Camila. O projeto pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos?. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 78, 2012.
- MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, 2004.
- MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. *Novos Estudos*, n. 44, 2004.
- MARIZ, Cecília. O demônio e os pentecostais no Brasil. In: Birman, Patrícia et al. (org.). *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. A direita mora do outro lado da cidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 10, 1988. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/10/rbcs10_03.pdf. Acesso em: 24 de nov. 2021.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. The right to shine: poverty, consumption and (de)politicization in neoliberal Brazil. *Journal of Consumer Culture*, v. 0, n. 0, 2022.
- RUI, Taniele. A inconstância do tratamento: no interior de uma comunidade terapêutica. *Dilemas*, v. 3, n. 8, 2010.
- SANT'ANA, Raquel. *A nação cujo Deus é o senhor: a imaginação de uma coletividade "evangélica" a partir da Marcha para Jesus*. Tese de doutorado. MN/UFRJ, 2017.
- SINGER, André. *Os sentidos do lulismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *Da controvérsia às práticas: conjugalidade, corpo e prosperidade como razões pedagógicas na Igreja Universal*. Dissertação de mestrado. PPGAS/USP, 2012.
- THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Oxford: Oxford University Press, 1977.

Recebido em: 19/12/2023.
Aprovado em: 02/12/2024.